

BENZIMENTO E CURA NA COMUNIDADE DE SÃO JOÃO DO CAZUMBÁ
BLESSING AND CURE IN THE SÃO JOÃO DO CAZUMBÁ COMMUNITY

Maria Cristina Machado de Carvalhoⁱ

Resumo

O presente artigo apresenta uma discussão sobre as manifestações religiosas na comunidade de São João do Cazumbá. A proposta é discutir a religião Católica no seu sentido popular em uma comunidade majoritariamente negra. Também fazemos uma discussão acerca das práticas de curas através da reza, do benzimento e da fé nos santos.

Palavras-chave: Religiosidade, São João do Cazumbá, Benzimento, Cura.

Abstract

This article presents a discussion on religious expression in the neighborhood of St. John Cazumbá. The proposal is to discuss the Catholic religion in its popular sense distinctly black in a neighborhood where most men and women working in factories and industries to identify with such religions.

Keywords: Religiosity, St. John's Cazumbá,

Introdução

O *locus* deste trabalho é fazer uma discussão sobre as práticas religiosas da comunidade de São João do Cazumbá. Esta comunidade corresponde a um Bairro localizado ao sudoeste do centro da cidade de Feira de Santana-Ba, atrás do Centro Industrial Subaé (CIS). De acordo com os dados do IBGE reunidos no censo de 2000, o bairro possui em média 252 habitantes, o que corresponde a 0,056% da população de Feira de Santana.

Segundo a tradição oral, muitas são as histórias que narram o surgimento do bairro. A narrativa que mais aparece na memória dos moradores está ligada a Lucas da Feira. Este sujeito era um escravo foragido que viveu no século XIX na região do Recôncavo e Sertão.

Nos depoimentos Lucas da Feira e o companheiro José Cazumbá esconderam naquele local. Onde mais tarde apareceu a imagem de São João, santo que dar o nome a comunidade. Ainda, as narrativas sugerem que o surgimento da comunidade está conexo à existência de uma antiga fazenda, a qual o dono era chamado de João Cazumbá.

Segundo depoimentos de dona Tieta a origem do nome do bairro remota por um lado, o achado de um santo no local onde hoje se encontra a igreja. *São João foi achado na localidade e lá foi construída a igreja em devoção ao santo.* A outra história que se tem do bairro é que ali se escondeu Lucas da Feira e seu companheiro José Cazumbá.

O que se sabe sobre Lucas da Feira era um ex-escravo que roubava dos ricos para dar aos pobres. Enquanto que sobre José Cazumbá nada tem escrito sobre ela. Em uma entrevista feita a um homem da família Cazumbá que mora em São Gonçalo contou que José Cazumbá era compadre de Lucas e ambos andavam juntos.

Sendo assim, temos a imagem de um homem negro que na condição de ex-escravos protegia os pobres. Por outro lado, temos a imagem de um santo católico, que se atentar para quem era essa pessoa, a qual, a Igreja canonizou iremos encontrar na Bíblia a sua postura.

O Evangelho de Mateus (BÍBLIA, 1993) se refere ao João como aquele que a voz clama no deserto. Ele é o homem responsável em endireitar o caminho do Senhor. João Batista era um homem simples que se vestia com pelos de camelo, a sua alimentação constituía uma dieta de gafanhoto e mel silvestres. Era um profeta que denunciava a dominação e exploração social.

Ainda podemos perceber na tradição oral que parte significativa dos moradores do Bairro não nasceu no local. Houve uma intensa migração entre 1930/1950 de outras localidades do Sertão e do Recôncavo. Desta maneira podemos sugerir que a Comunidade São João do Cazumbá pode ter surgido a partir do deslocamento de ex-escravos e seus descendentes em busca de novas relações sociais.

Dona Joana, com noventa anos de idade, informa ter chegado à localidade com vinte anos de idade, assim em 1938. Segundo ela, seus pais chegaram ao local e adquiriram terras para morar e trabalhar na roça. Dona Manuela, com 74 anos, afirma ter nascido no lugar no qual reside até os dias atuais. Além dessas duas moradoras, seu Nadinho, com mais de noventa anos, também, é um morador, nascido na localidade. Dona Deise com 74 anos disse ter chegado ao local com 15 anos de idade e que no lugar já habitam outros moradores. Portanto, essas migrações e a formação de comunidade são resultantes de histórias individuais.

Em suas trajetórias muitas dessas pessoas mantiveram suas tradições religiosas naquele espaço de interação social. A expressão da religiosidade do grupo está na organização e participação na missa, nos cultos aos santos e nas práticas de curas através da reza e do benzimento.

Essas manifestações religiosas representam o cristianismo popular. Os traços peculiares do cristianismo popular simbolizam nitidamente a posição diferencial dos agentes na sociedade. Eles apontam para a diferenciação social, não apenas restrito ao âmbito econômico, podendo ser percebida a partir de critérios mais particulares, por exemplo, o caráter étnico e religioso. A missa, a proteção do santo e a prática de benzeção representam à existência do catolicismo popular no cotidiano dessas comunidades negras.

A opção pela abordagem histórica da religião recai em compreender como os sujeitos históricos criam à representação do seu mundo através da religião. E como as práticas de curas estão vivas nas experiências individuais e do grupo através da fé e do benzimento concedido por uma líder religiosa.

As manifestações religiosas: benzimento e cura.

A temática religiosa das comunidades negras pode ser analisada percebendo a dinâmica que se perpetuava como meio de interação e construção de uma identidade étnica. O ser humano é, pois, um animal social “amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (GEERTZ, 2008:4), deste modo o cientista das ciências humanas deve encontrar nas relações culturais uma análise interpretativa, procurando os significados das manifestações que se dão no cotidiano social.

A partir de relatos orais podem ser identificado diversas práticas de curas, crenças e saberes mantidos pela sabedoria popular em comunidades e bairros de Feira de Santana. As

práticas de cura devem ser percebidas como uma expressão cultural de um grupo social. Essas técnicas de restabelecer a saúde de um indivíduo por meio das rezas e benzimento estão bem articuladas nas experiências do cotidiano no seio da população de São João do Cazumbá. São hábitos, práticas e costumes constituintes da identidade social. As práticas e manifestações religiosas emergem no meio das nuances culturais como indicativo de identidade de um grupo guardado na memória popular.

Tais práticas de cura vêm sempre associadas à fé em santos. Em diversas casas de moradores do bairro pudemos encontrar rezatórios. Em nesses nichos de fé e religiosidade percebemos a presença de imagens de santos que representam o sincretismo religioso. Na imagem abaixo observamos alguns santos católicos, os quais estão presentes nos cultos.



Altars em adoração a santos erguidos em suas próprias casas têm padroeiros como: São Cosme e Damião, Santa Bárbara, entre outros como santos de adoração e milagreiros.

Para além de uma religião tradicional as questões da religiosidade católicas trazidas à tona pela memória popular identificam o espaço de interação e sociabilidade da comunidade de São João do Cazumbá. Essas expressões religiosas podem ser compreendidas como popular diferente da cultura católica tradicional.

As representações das imagens religiosas no catolicismo popular seguem um caminho de identidade na busca do parecido e, também, da criação de modelos que refletem os anseios e angústias sociais dos indivíduos. “No catolicismo popular Jesus é protótipo dos santos: bom e justo, ele sofre sem ter pecado e por esse sofrimento ele ganha a misericórdia divina para com os homens.” (OLIVEIRA, 1985b:120)

Altars com a imagem de Bom Jesus da Lapa também faz parte da ideia de fé e cura que o santo oferece. Alguns moradores saiam em romaria até a cidade de Bom Jesus da Lapa para agradecer ao bom Jesus pelas bênçãos recebidas, geralmente as bênçãos estavam associadas a uma cura alcançada.



Ai está um altar com imagem de Bom Jesus, Nossa Senhora Aparecida e Santa Bárbara com os três raminho na mão. Estes raminhos representam o sincretismo religioso afro-brasileiro. Estes traços peculiares do cristianismo popular simbolizam nitidamente a posição diferencial dos agentes da estrutura social na comunidade e o seu caráter étnico e

religioso. O catolicismo popular carrega esta diferenciação de classes, especialmente, em práticas individuais e coletivas que negam aos padrões da cultura elitizada.

O ato de benzeção comum na cultura do bairro de São João do Cazumbá é característica da religião católica popular que revela uma diferença não só de classes, também étnica. Assim a doença deixa de ser apenas um estado biológico da pessoa. A doença, por sua vez, está relacionada ao mundo sobrenatural e espiritual. Entidades espirituais como, também, o olho gordo (mau-olhado) e a feitiçaria que podem provocar doenças como cansaço, dores de cabeça, dores no corpo, sonolência, perturbações psíquicas e outras.

As agentes das práticas de cura – as benzedadeiras – para exercer seu serviço dão importância à ideologia mágica e religiosa da cura. Oliveira (1985b) sugere que a benzeção é uma prática e representação do catolicismo popular. Segundo este autor o objetivo desta prática é reproduzir a cura para as doenças tidas como incuráveis que se manifestam em pessoas ou animais decorrentes de mal olhado, de violação de um interdito ou de uma maldição. Dona Tieta em seu depoimento conta que todas as pessoas doentes de mal olhado, ar do vento vão a ela para serem rezadas. Segundo a participante não há doenças oriundas dos males citados que sua reza não extraia.

O ato de benzer significa um ato de chamar sobre a pessoa benzida a bênção do céu. Oliveira (1985a) caracteriza como um ato de súplica, de imploração, de pedido aos deuses para que eles produzam benefícios aos mortais. Sendo assim, a autora define ainda mais claramente a bênção como um instrumento pelos quais os homens produzem serviços e símbolos de solidariedade para si e para os sujeitos da classe social da qual fazem parte. A bênção tem sentido múltiplo pode estar presente na vida de pessoas diferentes: “pais benzem filhos, tios benzem sobrinhos, (...) Qualquer profissional do sagrado, seja padre, capelão, rezador e rezadeira de terços, de ladainhas ou de outros tipos de reza, benzedadeiras, e até parteiras, todos benzem.” (OLIVEIRA, 1985a: 10)

A bênção como um ato presente nas relações sociais, especialmente, quando a consideramos em seu caráter religioso aparece como um ato cultural sobre o qual a sociedade utiliza como uma estratégia para resolver seus problemas.

As benzedadeiras através de seu ofício promovem cura utilizando símbolos religiosos que, por sua vez, age como um instrumento de intervenção no processo histórico-social. Ao longo da história elas (benzedadeiras) foram perseguidas. Acusadas como bruxas na Idade Média foram caçadas, aprisionadas, castigadas e executadas. No século XVIII o fato passou a ser visto como uma manifestação de histeria a ser tratada no hospital. No século XIX a medicina passa a dominar o controle das doenças onde criou uma ampla forma de controle social.

No Brasil o controle social através das normas médicas de higiene passou a existir no cotidiano da sociedade por meio da criação de hospitais, hospícios e pelo controle da vida privada. Este controle só emergiu especificamente nos centros urbanos com a intenção de neutralizar as tensões sociais. A disciplina dos corpos e a norma médica foram utilizadas como recurso pelo Estado para organizar o espaço urbano e evitar os conflitos.

Com a República essa preocupação intensifica-se acompanhando os modelos europeus que eram difundidos nos argumentos de intelectuais brasileiros vindos da Europa cheios de idéias de modernidade. Sevckenko (1998) articula que o fluxo de mudanças que atingiu a vida social brasileira nos fins do século XIX e até meados do XX foram estimuladas por um novo dinamismo no contexto da economia internacional.

Neste texto percebe-se que o novo regime trazia o cancelamento do passado do País ligando-o a cultura das potências industriais através das reformas e do progresso. Dessa

forma, as derrubadas dos casarões coloniais, o alargamento das ruas e a mudanças nos costumes eram exigidos pelos padrões econômicos.

Segundo Matta (2004) a República carregava propostas de industrialização, centralização política que dava maiores subsídios de controle sociais. Para ele a presença da ciência e das normalizações eram os recursos utilizados para combater os males do atraso e provocar a modernização.

As reflexões de Albuquerque (1999) mostram o processo modernizador em Salvador. Segundo a autora as idéias mescladas no evolucionismo cultural e no darwinismo social foram interpretadas na formação de uma Bahia mestiça justificando a esperança de relaciona-se com os padrões de modernidade. Ela cita o desapontamento das elites ao ver a Bahia envolvida com os antigos costumes coloniais, onde homens e mulheres pobres seguiam as mesmas posturas arcaicas e velhas da Salvador colonial.

Em Feira de Santana o processo de modernização, também foi executado pelas elites. Oliveira (2000) apresenta este progresso representado nas reformas arquitetônicas e na expulsão do sertanejo do perímetro urbano e a proibição de práticas que eram tidas como incivilizadas. Em outras palavras práticas que lembrassem os rituais da matriz africana.

Sem dúvida, toda exaltação pelo moderno também atingiu a utilização de rituais africanos, sobretudo, a reza como uma assistência de cura de doenças.

As benzedeiras combinavam os místicos da religião e os truques da magia os conhecimentos da medicina popular com formas de curas de doenças. Enquanto cientista popular fala em nome de uma religião, sendo com maior freqüência à católica. Elas benzem em sua própria casa e não se subordina a religião. São, contudo, autônomas.

O conhecimento articula com o catolicismo popular tal que as benzedeiras fazem uso de elementos como o crucifixo e imagens de santos. A reza segue todo um ritual em que contém fórmulas de pedidos ou de evitação. Por outro lado, podemos considerar como uma representação associado ao candomblé pelos os usos de matérias próprios dos rituais afros, como plantas verdes: vassourinhas, manjerição, entre outros. Até mesmo a simples busca da cura por meio da reza e na manipulação da medicina naturais está largamente associada às práticas e representações da cultura africana.

Se existe, por um lado, a benzeção do culto dos santos, por outro, existe a benzeção identificada como magia. Essa é definida pelo o uso dos ritos e a cura milagrosa da doença.

Os ritos seguidos pela benzedeira na reza contra o Ar do Vento começam com o posicionamento do adoentado no local onde não passe o vento e, a partir daí, inicia a reza.

A reza contra o olhado segue conjugada com ritos gestuais apropriados. Primeiro é feito o sinal da cruz sobre o doente sacudindo os raminhos verdes_ que devem estar bem vivos. Se no final da reza se os raminhos estiverem murchos considera-se evidência que a pessoa rezada estava impregnada do olhado e deve seguir o mesmo processo por três dias.

Dona Joana na reza contra o olhado traz primeiro os elementos da cultura popular em forma de diálogo com a doença, a qual ela questiona a procedência do olhado, perguntando se foi de pai, mãe, gordo, magro, feio, bonito. Depois disso, inicia a oração do Pai Nosso, cita os santos católicos: *Nossa Senhora com ramos verdes nas mãos, Santo Antônio, Santa Bárbara e Jesus*. Evoca as três pessoas da “*Santíssima Trindade*” e, em seguida, reza a *Ave Maria: Ave Maria Cheia de graça o Senhor é convosco, bendita sós vós entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre Jesus...* Termina em “*nome de Deus e da Virgem Maria*”.

A entrevistada contou-me que aprendeu a rezar com sua mãe e que agora ela está passando seu conhecimento para sua neta. Ela diz que para aprender rezar é preciso força de vontade porque o conhecimento é transmitido oralmente e é necessário que a aprendiz repita diariamente até aprender toda reza.

A memória da benzedeira é, portanto, mais que uma lembrança individual, representa as lembranças coletivas daquela comunidade. Tal raciocínio aponta para a importância da rezadeira no seio da comunidade, sendo citadas com frequência nos depoimentos dos moradores do Bairro. Esta pessoa fazia da história do Bairro além de ser uma referência de autoridade e reconhecimento público.

A caracterização da benzeção enquanto magia pode ser percebida na finalidade utilitária dos ritos em oposição à obrigação moral do culto religioso. Isto quer dizer que a pessoa enferma não tem nenhuma obrigação de participar de cultos religiosos onde o indivíduo e a coletividade presta culto aos santos.

O culto aos santos está revestido de obrigação moral e de gratidão dos homens para com seus protetores e aliados celestes, enquanto que a benzeção repousa exclusivamente sobre o útil e o nocivo.

As manifestações rituais discutidas acima nas práticas religiosas da comunidade de São João do Cazumbá não deve ser desvinculadas da utilização de símbolos religiosos introduzidos no Brasil pelos missionários e colonos portugueses e igualmente pelos africanos trazidos para cá e os indígenas que aqui habitavam. Esta atividade é, portanto, resultado da produção e reprodução de significações religiosas caracterizadas na cultura da população afro-brasileira.

Considerações finais

As representações religiosas dão um sentido ao mundo e a existência do grupo e condições para agir sobre si mesmo no contexto em que eles não dominam duas condições materiais e sociais de existência. Aí reside a razão das representações religiosas_ motores indispensáveis que impulsionam as ações coletivas.

Os santos tornam-se aliados e protetores. Na memória popular a origem do bairro está atrelada exatamente a esta perspectiva de proteção e aliados a que o santo se torna.

O resultado de boa parte das curas não se dá apenas pelos rituais e rezas praticadas pela benzedeira, se dá também pela crença que se tem no processo curativo, no qual se torna imperativa a crença do doente e da benzedeira.

ⁱ Mestranda em Ciências Sociais_ desigualdade, cultura e desenvolvimento pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: chrilcarvalho@hotmail.com. Orientador: Dr. Walter Fraga Filho.

Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE, W. R. de. **Algazarras nas ruas: comemorações de independência na Bahia (1889-1923)**. Campinas: São Paulo: ed. da Unicamp, 1999
- BÍBLIA SAGRADA**, São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. (Trad. João Ferreira de Almeida) Mateus 3: 1-10.
- BOURDIEU, P. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: perspectivas. 1974
- CRUZ, R. C. da. **A inserção de Feira de Santana (BA) nos processos de integração produtiva e de desconcentração econômica nacional**. UNICAMP, Campinas, 1999. (Tese de doutorado).
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1.ed., IS. reimpr. - Rio de Janeiro: LTC. 2008.
- MATTA, A. E. R. **A Bahia de Todos os Santos e a Modernidade (1896-1900)** .In.: Anais do 5º Congresso de História da Bahia. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia; Bahiaturs; Fundação Gregório de Mattos, 2004.
- OLIVEIRA, C. F. R. M. “**De Empório a Princesa do Sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)**”. UFBA, Salvador. 2000 (Dissertação de Mestrado).
- OLIVEIRA, E. R. **O que benzeção**. Coleção Primeiros Passos. Brasiliense. São Paulo. 1985a.
- OLIVEIRA, P. A. R. de. **Religião e Dominação de Classe: Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil**. Petrópolis - RJ. Vozes. 1985b.
- POPPINO, R. **Feira de Santana**. Salvador, Itapuã, 1998.
- REGINALDO, Lucilene. “**A história que não foi contada”: identidade negra e experiência religiosa na prática do grupo de união e consciência negra (1978-1988)**”. POC. São Paulo. 1995. Dissertação de mestrado.
- SEVCENKO, N. (org.). **O Prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso**. In.: **História da Vida Privada no Brasil**. Cord. Fernando Novais, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SILVA, Elizete da. **O Campo Religioso Feirense: algumas considerações**. UEFS/UFBA. 2003.